

**METAPLASMOS
E A CORRENTE DE CORRESPONDÊNCIAS FONÉTICAS
NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL**

Matheus Seiji Bazaglia Kuroda (USC)
msbkuroda@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de resgatar os principais conceitos da evolução fonética. Logo, pretende-se explicar os metaplasmos da língua portuguesa de uma forma atualizada e didática, uma vez que não existe material atualizado sobre o tema, analisando-a de forma diacrônica e demonstrando novos processos morfofonêmicos que tendem à sincronia.

Palavras-chave: Filologia. Metaplasmos. Fonética.

1. Introdução

“Num sistema linguístico, tudo é transformação, tudo é evolução, através de uma dinamização de sincronias até chegar-se à diacronia. A língua de ontem não é a de hoje e esta não será a de amanhã” (ARAÚJO, s/d).

A língua sempre está em movimento. Cada geração altera as palavras, obedecendo às tendências contemporâneas. Essas transformações, que ocorrem ao longo da existência da língua, são caracterizadas por uma regularidade e inconsciência, justamente por depender da conformação e disposição do aparelho fonador, bem como dos movimentos mecânicos e habituais. Por outro lado, a regularidade de transformações se deve pelo fato de esses fenômenos atingirem apenas o significante e não o significado.

Logo, este artigo pretende fazer uma grande explanação sobre os principais conceitos da evolução fonética e filológica. Ainda, justifica-se devido à falta de material atualizado sobre o tema.

2. Evolução fonética

O motivo dessas “mudanças de forma” se enquadram basicamente, segundo Coutinho (1974, p. 137), em 3 (três) leis fonéticas, que ajudam a entender o aspecto histórico da língua portuguesa. Acredita-se que essas leis fonéticas, universais e perpétuas são os princípios das transformações

dos vocábulos.

Lei do Menor Esforço – também conhecida como economia do trabalho fisiológico, consiste em evitar combinações difíceis de sons, para facilitar, de modo geral, o trabalho dos órgãos fonadores. Assim, de acordo com Bueno (1963), ao analisar tal lei, ela considera apenas uma comodidade de adaptação dos órgãos do som, ou seja, adaptação da base física da fonação. Em *vinum* > vino > vïo > vinho, é mais cômodo, ao aparelho fonador de um falante da língua, dizer *vinho*, em vez de *vïo*.

Lei da Permanência da Consoante Inicial – Na história da língua, percebeu-se que a evolução das consoantes depende da posição que elas ocupam na palavra. Normalmente, as médias e as finais estão expostas à sonorização e às quedas, enquanto as iniciais continuam íntegras, com raras exceções.

Lei da Permanência da Tônica – As palavras portuguesas conservam a mesma acentuação tônica do latim. De acordo com Coutinho (1974, p. 138), “no meio das transformações e quedas de fonemas, foi o acento tônico que guardou a unidade da palavra, ameaçada de perecer”. Por isso, alguns teóricos o consideram “a alma da palavra”. Em oposição a esta lei, nas quais há a mudança da tônica, são devidas a causas fonéticas (*muliere* > *muliere* > mulher).

Melo (1971, p. 267), ao estudar a mobilidade fonética, se sentindo humilhado diante da sua complexidade, afirma que a língua é uma realidade filosófica riquíssima, repleta de mistérios e problemas sedutores. Para ele, não existe uma evolução no sistema de som da língua em si, mas uma corrente de correspondências fonéticas, que recebe influências externas e internas. Em outras palavras, o filólogo afirma que os fonemas não se transformam; existe, então, uma instabilidade motivada por vários fatores, o que ele chama de acidentes fonéticos: raça; clima e solo; latitude; a linguagem infantil; o estado político e social da comunidade; influências do substrato; lei do menor esforço.

“A evolução fonética, esquiva e desafiadora que ela é, contraditória e fortuita, mas regular e inconsciente” (MELO, 1971, p. 279).

Como já foi dito, as mudanças podem ocorrer tanto por fatores externos como internos. Como fator externo da evolução fonética, pode ser apontado o desequilíbrio no contato entre as línguas, em um mesmo espaço. Por outro lado, como fato interno, está o que Sapir (1971) chama de

deriva, para o qual essas mudanças fonético-fonológicas seguem uma diretriz, norteadas pelas tendências do próprio sistema, estabelecidos pela relação língua x cultura. O linguista americano afirma que as mudanças, nesse caso, ocorrem da própria estrutura da língua, dependendo de aspectos socioculturais para explicar as evoluções. Em outras palavras, deriva é uma tendência das línguas em se acomodarem. É o que ocorre, por exemplo, nos casos de “os meninos” em contraste com “os menino”, assim como “correr” está para “corrê” e “telhado” em relação à “teiado”.

Sapir (1954), diz que “toda palavra, todo elemento gramatical, toda locução, todo som e acento é uma configuração em transformação lenta, modelada pela deriva invisível e pessoal que é a vida da língua”.

A evolução fonética ocorre por dois tipos de tensões: sintagmática e paradigmática.

- *Tensão sintagmática* – eixo das coisas ditas.

– *Nec* > ne > nem – aproveita o som nasal |n|.

– *Mihi* > mii > mim – aproveita o som nasal |m|.

Nestes casos, as mudanças fonético-fonológicas acontecem devido ao conceito de linearidade, para o qual existe um *continuum* na produção oral. Isto é, para facilitar a fala, um fonema anterior acaba influenciando no acréscimo (ao permuta e subtração) de outro fonema. Ferdinand de Saussure conceitua, basicamente, o sintagma como a relação entre as palavras em uma oração. “Sintagma caracteriza-se por uma sequência de signos, linear e irreversível”.

- *Tensão Paradigmática* – eixo das coisas pensadas.

– *Stella* > estela > estrela – analogia com a palavra “astro”.

– *Solitate* > soidade > saudade – influência da palavra “saúde”.

– *Capu* > chefe – influência do francês “chef”.

– *Sic* > si > sim – não há uma tensão sintagmática que explique o acréscimo do fonema |m|. Sua origem vem do seu antônimo “não”.

As alterações ocorridas no eixo paradigmático, ao contrário da tensão sintagmática, não obedecem a uma sequência de signos, isto é, não

existe linearidade. De certa forma, neste eixo, se encontram as palavras que se relacionam por pertencerem a um mesmo campo semântico.

3. *Metaplasmos*

O termo metaplasmo vem do grego *μετα* (além) + *πλασμός* (formação, transformação), ou seja, ele trata das modificações fonéticas sofridas pelas palavras por meio de sua evolução histórica, do latim ao português contemporâneo. “Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos e espontâneos” (COUTINHO, 1974, p. 13).

Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está sujeito à lei das transformações fonéticas. Essas mudanças são motivadas pela permuta, troca, acréscimo ou supressão de fonemas, bem como a transposição da posição do fonema ou do acento tônico. “É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo” (COUTINHO, 1974, p. 143).

Os metaplasmos se dividem em:

- Metaplasmos por aumento;
- Metaplasmos por subtração;
- Metaplasmos por transposição;
- Metaplasmos por permuta.

3.1. **Metaplasmos por aumento**

3.1.1. *Prótese*

É o surgimento de fonema no início do vocábulo (*stare* > estar – surgimento do fonema /e/; *scopulu* > escolho – surgimento do fonema /e/).

3.1.2. *Epêntese*

É o aparecimento de fonema no meio do vocábulo (*masto* > mastro – surgimento do fonema /t/; *stella* > estela > estrela – analogia com a palavra “astro”; *humile* > humilde – acréscimo do fonema /d/).

Na língua portuguesa, merecem destaque três casos de epêntese:

- Epêntese da semivogal anterior /y/ depois de /e/ tônico em hiato. Trata-se de uma ditongação que quebra o hiato, distinguindo o português moderno em relação ao arcaico. Ex.: *vea* > veja; *idea* > ideia.
- Epêntese de uma consoante nasal depois de vogal nasal em hiato. Ex.: *vinu* > vio > vinho; *não* > ninho – acréscimo do fonema /ɲ/. De modo geral, a maioria dos casos de vogais nasais em hiato não sofreu epêntese, mas sim o processo de desnasalização, metaplasmo de permuta que será estudado mais à frente.
- Epêntese da consoante /b/ no grupo /mr/, resultado da síncope de uma vogal postônica ou pretônica. Ex.: *umeru* > um'ru > ombro; *memorare* > men'rare > membrar.

3.1.3. Paragoge (epítese)

É o surgimento de um fonema no fim do vocábulo (*ante* > antes – acréscimo do fonema /s/; *sic* > si > sim – acréscimo do fonema /m/).

Nos empréstimos modernos, acrescenta-se *-e* quando as palavras terminam em consoantes normalmente não usadas como declive de sílaba na língua portuguesa (*film* > filme; *restaurant* > restaurante; *club* > clube; *chic* > chique; *beef* > bifee; *lunch* > lanchee).

3.1.4. Suarabácti – “epêntese especial”

Acréscimo de fonema no meio do vocábulo, que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela inserção de uma vogal (*grupa* > garupa; *blata* > brata > barata).

3.1.5. Aglutinação

Inserção dos fonemas /a/ ou /o/ no início do vocábulo. Esse fenômeno acontece pela aglutinação dos artigos (*nanu* > anão – surgimento do fonema /a/; *mora* > amora – surgimento do fonema /a/).

3.2. Metaplasmos por subtração ou supressão

3.2.1. Aférese

É a queda de fonema no início da palavra (*acume* > *cume* – perda do fonema /a/; *enojo* > *nojo* – perda do fonema /e/; *inamorare* > *namorare* > *namorar* – perda do fonema /i/).

Na língua portuguesa, há tendência à aférese da vogal inicial pretônica (perto da sílaba tônica) que constitui de sílaba simples, por causa da força expiratória que se dá à consoante inicial da sílaba seguinte.

3.2.2. Síncope

Consiste na subtração de um fonema no interior do vocábulo (*viride* > *virde* > *verde* – queda do fonema /i/ no meio da palavra; *Malu* > *mau* – queda do fonema /l/ no interior da palavra).

É um dos metaplasmos mais frequentes da língua portuguesa. Normalmente, quando a síncope ocorre pela queda de um som consonantal sonoro, os neogramáticos chamam de *queda de consoante sonora intervocálica*. Ex.: *Legalem* > *leale* > *leal* – síncope da consoante sonora intervocálica /g/; *amatis* > *amades* > *amaes* > *amais* – síncope da consoante sonora intervocálica /d/.

Da mesma forma, quando a consoante sonora intervocálica for nasal, a síncope da mesma consoante nasaliza a vogal anterior.

Ainda, vale atentar aos seguintes casos de síncope: (1) vogal pretônica em sílaba não inicial, adjacente à sílaba tônica; (2) vogal postônica não final, em palavras proparoxítonas, com exceção de “a”:

- (1) *Camparare* > *comparar* > *comprar* – síncope da vogal pretônica não inicial, perto da sílaba tônica;
- (1) *Cosutura* > *costura* – síncope da vogal pretônica não inicial, perto da sílaba tônica;
- (2) *Littera* > *letera* > *letras* – síncope da vogal postônica não final.
- (2) *Calidu* > *caldo* – síncope da vogal postônica não final.

Por isso, pela síncope da vogal postônica não final de palavras proparoxítonas, a maioria das palavras da língua portuguesa é paroxítona; uma tendência que se manifesta desde o latim.

3.2.3. Haplologia

É uma síncope especial, de caráter morfofonêmico, que consiste na queda de uma sílaba medial, por haver outra sílaba igual ou semelhante. Atua no eixo sintagmático (*bondadoso* > bondoso – queda da sílaba medial “da”; *tragicocomédia* > tragicomédia – queda da sílaba medial “co”; *esplendidíssima* > esplendíssima – queda da sílaba medial “di”).

3.2.4. Apócope

É o desaparecimento de fonema no fim do vocábulo (*mare* > mar – queda do fonema /e/; *rosam* > rosa – queda do fonema /m/).

Entre os fenômenos de apócope, existem dois casos que foram importantes na evolução da língua portuguesa:

- A primeira delas é a apócope das consoantes finais, não sendo líquidas ou sibilantes (*amat* > ama);
- A segunda se baseia na apócope da vogal –e precedida de consoante líquida (vibrantes, aproximantes), sibilante ou nasal dental, desmanchando a sílaba final e tornando a consoante como um declive da sílaba anterior. Neste último caso, costuma-se chamar de *apócope da vogal postônica final –e, precedida de r, l, s, z, m ou n*.

3.2.5. Crase / redução

Crase é a fusão de dois sons vocálicos contíguos; não consiste na perda de fonema. Assim, no ponto de vista sincrônico, a crase é uma alteração morfofonêmica. No lado diacrônico, ela é uma das mudanças fonéticas que caracterizam a passagem do português arcaico para a fase moderna (*pee* > *pê* – crase: e + e = ê; *deentro* > *dentro* – crase: e + e = e; *dolore* > *door* > *dor* – crase: o + o = o; *nudum* > *nuu* > *nu* – crase: u + u = u).

Também aconteceram, ao longo dos anos, na história da língua, no eixo sintagmático, as crases que ocorreram pela junção da vogal final de uma palavra com a vogal inicial de outra palavra, em expressões consideradas de formação composta – dando o nome de *sinalefa* (*de* + *intro* > *dentro*; *dē* + *ex* + *de* > *desde*).

Da mesma forma que a crase, a *redução* nada mais é do que a junção de dois sons consonantais (*autonmnu* > *outonno* > *outono* – redução:

$n + n = n$; *azzaituna* > *azaituna* > *azeitona* – redução: $z + z = z$).

3.2.6. Deglutinação

É a queda dos fonemas /a/ ou /o/ no início do vocábulo (*abbatina* > *batina* – queda do fonema inicial /a/; (*h*)*abitacula* > *bitácula* – queda do fonema inicial /a/; *o deleite* > *deleite* – queda do fonema inicial /a/).

Esse fenômeno leva à queda da vogal inicial resultante da confusão com o artigo. Em casos mais específicos, também se costuma chamar de deglutinação a queda do *-d* que ocorre em sílaba inicial, por se confundir com preposição (*dalmática* > *almática*; *Dornelas* > *Ornelas*).

3.3. Metaplasmos por transposição

Pode ocorrer de duas formas: pela alteração da sílaba tônica ou pela alteração na posição do fonema.

Por alteração da sílaba tônica: Também conhecido como hiperbatismo, são mudanças que ocorrem na conservação da sílaba tônica. Essas mudanças, normalmente, ocorrem por analogia com outras palavras. Os casos mais comuns são a sístole e a diástole.

3.3.1. Sístole

Metaplasmo de transposição que acontece na medida em que o acento recua para a sílaba anterior, alterando, conseqüentemente, a sílaba tônica (*Cleopatra* > *Cleópatra*; *Impíum* > *ímpio*;

Erámus > *éramos*).

3.3.2. Diástole

Acontece quando o acento, juntamente com a sílaba tônica, se adianta para a sílaba seguinte (*diafano* > *diáfano*; *océanu* > *oceano*; *límite* > *limite*).

Por alteração da posição do fonema – As transposições de sons foram frequentes na evolução da língua. Por vários motivos, seja ela fonética ou analógica, conforme Bueno (1963), elas podem acontecer dentro

de uma mesma sílaba ou a transposição de fonemas pode ocorrer de uma sílaba para outra. Para esses processos, se dão o nome de metátese e hipérese.

3.3.3. Metátese

Consiste na transposição (ou troca) de um som dentro de uma mesma sílaba. Em outras palavras, o que existe, nestes casos, é a mudança da posição dos fonemas (*semper* > *sempre*; *inter* > *entre*).

Normalmente, as populações rurais, com dialeto caipira, fazem uso frequente das transposições da metátese. É que ocorre nos casos de *preciso* > *perciso*; *pergunta* > *pregunta*.

3.3.4. Hipérese

É a mudança ou transposição do fonema de uma sílaba para outra sílaba (*tenebram* > *treva* – o fonema /r/ é deslocado para a primeira sílaba; *cabio* > *caibo* – o fonema /i/ é deslocado para a sílaba anterior).

O mesmo fenômeno acontece nos diais atuais na língua falada. É o que acontece, por exemplo, em *problema* > *pobrema*; *lagarto* > *largato*; *cardaço* > *cardaço* etc.

3.4. Metaplasmos por permuta/transformação

3.4.1. Vocalização

É a transformação de uma consoante em semivogal (*noctem* > *noite* – vocalização: c > i; *octo* > *oito* – vocalização: c > o).

Vocaliza-se em “i” ou “u” a primeira consoante dos grupos –ct, –lt, –pt, –lc, –lp, –bs, –gn (*factu* > *feito*; *palpare* > *poupar*; *absentia* > *ausência*; *regnu* > *reino*).

3.4.2. Consonantização

É a mudança de um som vocálico em consonantal. Chama-se consonantismo a transformação de “i” e “u”, que passam respectivamente a

“j” e “v” (Jesus > Jesus – consonantização: i > j; iejunu > jejum – consonantização: i > j; uagare > yagar – consonantização: u > v; uiuere > viver – consonantização: u > v).

3.4.3. Sonorização

É o processo de permuta de um fonema surdo por um sonoro homorgânico²⁷ ou correspondente (*bonitate* > *bondade* – sonorização: t > d; *lepore* > *lebre* > *lebre* – sonorização: p > b).

Também é conhecida como abrandamento, justamente por ocasionar abrandamentos consonantais, que ocorrem devido às influências dos sons vizinhos. Logo, toda vez que uma consoante surda estiver entre vogais, isto é, intervocálica, ocorrerá a sonorização. Para estes casos, costuma-se denominar o metaplasmo como “*sonorização da consoante surda intervocálica*”.

- *Lupu* > *lobo* – p > b = sonorização da consoante surda intervocálica.
- *Vita* > *vida* – t > d = sonorização da consoante surda intervocálica.

Assim, os fonemas /p/, /t/, /k/ e /f/, quando mediais e intervocálicos, sonorizam-se respectivamente em /b/, /d/, /g/ e /v/.

3.4.4. Nasalização

É o processo de conversão de um fonema oral em nasal (*muccu* > *monco* – nasalização; *nec* > *ne* > *nem*; *mater* > *madre* > *made* > *mae* > *mãe* > *mãe*).

Nos exemplos acima, o processo de nasalização (ou nasalção) ocorre por uma força no eixo sintagmático, que se explica pela influência da nasal anterior. Em outros casos, a nasalização pode ocorrer por uma tensão paradigmática (*sic* > *sim* – analogia com a palavra “*não*”). Por outro lado, em ocorrências específicas, as palavras *ensaio* (< *exagiu*), *exame* (< *examen*), *enjeitar* (< *exjectare*), *enxugar* (< *exsucare*), *enxaguar* (< *exquare*), etc., a nasalização tem sido divergentemente explicada.

²⁷ Designativo dos fonemas cuja pronúncia depende do mesmo órgão fonador.

3.4.5. Desnasalização

É o contrário da nasalização. Também chamada de desnasalação, ocorre quando um fonema nasal perde a sua nasalidade, tornando-se oral (*luna* > lũa > lua – ũ > u; *bona* > bõa > boa – õ > o; *persona* > pessõa > pessoa – õ > o);

3.4.6. Assimilação

É a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, por força de influência que um exerce sobre o outro. Ou seja, consiste na transformação completa ou parcial de um som em outro semelhante.

Vostrum > vostro > vosto > vosso – st > ss: assimilação.

Perseco > pêssego – rs > ss: assimilação.

A assimilação pode ser vocálica ou consonantal, total ou parcial; progressiva ou regressiva:

- É vocálica quando o fonema que se assimila é uma vogal. Ex.: *palumbam* > paomba > poomba > pomba (no qual ao > oo).
- É consonantal quando o fonema assimilado é uma consoante. Ex.: *per + lo* > pello > pelo (no qual rl > ll).
- Diz-se total quando o fonema assimilado é igual ao assimilador. Ex.: *adversu* > avessu > avesso (no qual RS > ss – assimilado igual ao assimilador).
- Diz-se parcial quando há apenas semelhanças entre o fonema assimilado e o assimilador, não existe completa identidade. Ex.: *aurum* > auro > ouro (existe apenas uma semelhança – são vogais).
- A progressiva é aquela em que o fonema assimilador este em primeiro lugar. Ex.: *nostru* > nosto > nosso (o fonema assimilador /s/ vem primeiro: st > ss).
- A regressiva é aquela em que o fonema assimilador está depois. Ex.: *perseco* > pêssego (no qual rs > ss, sendo que o elemento assimilador /s/ está depois do elemento que sofrerá o fenômeno da assimilação /r/).

3.4.7. Dissimilação

Ao contrário da assimilação, é o processo de permuta que causa a diversificação ou queda de um fonema, por já existir fonema igual ou semelhante na palavra (*membrar* > *lembrar* – m > n > l: dissimilação – existia um som igual na palavra; *calamellum* > *caramelo* – l > r: dissimilação – existia um som igual na palavra).

A dissimilação pode ser vocálica ou consonantal, progressiva ou regressiva:

- É vocálica quando o fonema que se dissimila é uma vogal. Ex.: *temoro* > *temeroso*, no qual o > e;
- É consonantal quando o fonema que se dissimila é uma consoante. Ex.: *memorare* > *lembrar*, no qual m > n > l;
- Diz-se progressiva quando o fonema que se dissimila se acha depois do dissimilador. Ex.: *rutru* > *rodo*, no qual há a queda do fonema /r/ (dissimilado) da segunda sílaba, porque já existe outro fonema /r/ (dissimilador) na primeira sílaba;
- Diz-se regressiva quando o elemento que se dissimila se acha antes do dissimilador. Ex.: *parábola* > *paravra* > *palavra*, sendo que o /r/ da segunda sílaba sofre dissimilação pelo /r/ da última sílaba (r > l).

Vale ressaltar, também, os casos de dissimilação que ocorrem pela queda de um fonema: *cribru* > *crivo* – como já havia um fonema /r/ no início da palavra, ocorre o processo de dissimilação pela queda.

3.4.8. Assibilação

É quando uma consoante qualquer passa a ser uma constrictiva sibilante (*bellitia* > *beleza* – ti > z; *lancea* > *lança* – c > ç).

Geralmente, é um fenômeno fonético que ocorreu nos sons velares antes de vogais, bem como nos fonemas dentais seguidos de duas vogais.

3.4.9. Palatização

Consiste no surgimento de um som palatal (*oculu* > *oclu* > *olho* – cl > lh; *pluvia* > *chuva* – pl > ch).

Propriamente dita, ela consiste na passagem de uma dental /d/ ou /t/ para um fonema palatal. Além disso, existe a passagem da nasal /n/ ou líquida /l/ para os sons palatais. É o que ocorre, por exemplo, nos grupos *cl*, *pl* e *gl*, que passaram a ter som de *nh*, *ch* e *lh* (*hodie* > hoje – di > j; *filium* > filho – li > lh; *vineam* > *vinha* – n > nh; *clavem* > *chave* – cl > ch; *planu* > *chão* – pl > ch; *oviclam* > *ovelha* – cl > lh; *oculu* > *oclu* > *olho* – cl > lh).

3.4.10. Ditongação

Consiste na formação de um ditongo (*malo* > *Mao* > mau – o > au; *sto* > *estu* – o > ou).

A ditongação tem várias causas, seja ela de origem latina ou românica. A ditongação pode ocorrer:

- Pela vocalização, na qual *octo* > *oito*;
- Pela síncope da consoante sonora intervocálica, na qual *vanitatem* > *vaidade* (síncope da consoante intervocálica /n/, aproximando as vogais /a/ e /i/);
- Por hipértese, na qual *ravia* (de *rabiam*) > *raíva*;
- Por efeito da acentuação enfática, na qual *sto* > *estou* (o > ou);
- Por convenção da língua, na qual *area* > *areia*; *frenum* > *freo* > *freiro*; *fedum* > *feo* > *feio*. Este fenômeno se chama idiosincrasia do hiato.

Ainda, vale lembrar-se das terminações latinas que, pelo processo de romanização (evolução da língua), deram origem à partícula “ão”, ocorrendo, então, a ditongação.

/ãw/

-ane – *pane* > *pão*.
-anu – *manu* > *mão*.
-unt – *sunt* > *são* (verbo)
-on – *non* > *não*.
-um – in tunc > *intum* > *então*.
-adunt – *vadunt* > *vão*.
-one – *ratione* > *razão*.
-udine – *multitudine* > *multidão*.

Na forma arcaica dessas palavras, as formas atuais de *-ão* eram grafas com *-om* ou *-am*. De imediato, isso reflete na confusão da escrita em pessoas que estão no processo de alfabetização. Ex.: *entom*, em vez de *então*; *estam* em vez de *estão*. Ainda, são registrados, nos falares rurais, ocorrências nas quais há a troca de *-om* por *-ão*, ou vice versa. Ex.: *garçom* > *garçãõ*; *feijãõ* > *feijom*.

Em alguns casos específicos, acontece o que os estudantes da gramática descritiva chamam de superurbanismo ou supercorreção, que se manifesta pela exagerada preocupação de falar segundo a norma culta. Assim, são registradas, nas falas, ocorrências de ditongação não existentes na língua padrão. É o que ocorre em “orelhia” em vez de orelha, “bandeija” em vez de bandeja e “feichar” em vez de fechar.

3.4.11. Monotongação

É passagem de um ditongo a uma vogal (*auricula* > *orelha* – au > o; *lucta* > *lũita* > *luta* – ui > a; *fructu* > *frũito* > *fruto* – ui > u).

A tendência da língua é reduzir os ditongos em um som simples. É muito frequente, por exemplo, a monotongação na fala. Assim, pronuncia-se “caxa” em vez de caixa e “pexe” em vez de peixe.

3.4.12. Apofonia

Também chamada de *deflexão*, é a modificação que sofre a vogal da sílaba inicial de uma palavra, por influência de um prefixo (*in* + *barba* > *imberbe* – a > e: apofonia por influência do prefixo “in”; *sub* + *jactu* > *subjectu* > *sujeito* – a > e: apofonia por influência do prefixo “sub”; *per* + *factu* > *perfectu* > *perfeito* – a > e: apofonia por influência do prefixo “per”).

3.4.13. Metafonia

É a modificação de som, ou mais propriamente do timbre de uma vogal, resultante da influência que ela exerce na vogal ou semivogal seguinte. Também é conhecida como *Alternância Vocálica* (*tepidu* > *tĩbio* – e > í: metafonia; *totu* > *toðu* > *tũdo* – o > u: metafonia; *debita* > *dĩvida* – e

> i: metafonía; *decima* > dízima – e > í: metafonía; *cobre* > cubra (v. co-brir) – o > u: metafonía; *osso* > osso - /o/ > /ɔ/: metafonía).

3.4.14. Rotacismo

É o processo fonológico que ocorre na troca de /l/ por /r/ (*planta* > pranta – l > r: rotacismo; *problema* > probrema – l > r: rotacismo; *almoço* > armoço – l > r: rotacismo; *Blusa* > brusa – l > r: rotacismo).

Este metaplasmo, ainda que alvo de preconceito linguístico, por ser uma variação, representa uma tendência atual da língua, principalmente para os falantes de zonas rurais. A passagem do fonema alvéolo-dental /l/ para o palatal /r/ ocorre pela acomodação da língua.

Ainda, no latim arcaico, rotacismo era estudado como o processo de metaplasmo explicado pela troca entre do /s/ entre vogais pelo /r/ dental. Ex.: *corporis* (de *corpus*); flor (de *flos*).

3.4.15. Beveísmo/ vebeísmo

Beveísmo é troca de /b/ por /v/. Enquanto, por outro lado, vebeísmo é a permuta de /v/ por /b/ (*tenebra* > teevra > treva – b > v: beveísmo).

É comum, por exemplo, em crianças na fase de aquisição de linguagem, a confusão entre /b/ e /v/. Em alguns casos, diz-se “vacalhau” em oposição à pronúncia padrão bacalhau, da mesma forma que “baca” x “vaca” e “vesouro” e “besouro”.

4. Conclusão

A língua está em constante movimento. Ela tende a se adequar à fala e, quando não é atingida por influências políticas, sofre mutações naturais e multissistêmicas (do discurso ao som).

Ao analisar a história do idioma e ao apresentar aspectos diacrônicos da sua composição, pode-se dizer que existe, de fato, uma Língua Portuguesa do Brasil. Não é por menos que, em 2010, surgiram as primeiras gramáticas do português brasileiro, com exemplos ilustrativos próprios da fala e adequados ao uso efetivo da língua.

A língua não deve ser vista como algo estático; muito pelo contrário, ela está, a todo o momento, sofrendo vários processos de mutação ou fenômenos linguísticos. Da mesma forma que o latim foi se desenrolando em línguas românicas, hoje o português do Brasil vai tomando uma nova roupagem, demonstrando uma identidade única, nova e completamente diferente da língua falada em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, R. M. *Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico*. [s/d.]. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf>>. Acesso em: 27-03-2013.
- BUENO, F. S. *Estudos de filologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- MELO, G. C. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad.: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.